

PREMISSAS FUNDAMENTAIS DO SISTEMA ÉTICO DE MAX SCHELER

Fundamental premises of Max Scheler's ethical system

Possidônio Ferreira Barbosa Júnior¹
& Antônio Rômulo Pereira Ribeiro de Sousa²

Resumo: O artigo constitui-se de uma apresentação sucinta dos elementos principais do sistema ético de Max Scheler. Utilizando-se do método fenomenológico, Scheler afirma que a ética deve basear-se na experiência, pois o valor não é algo que se atribui, mas que é experimentado. O fenomenólogo alemão defende que o homem está rodeado por um cosmos de valores que não necessita ser produzido, apenas reconhecido através do perceber sentimental, possibilitando, inclusive, uma organização hierárquica dos valores. No entanto, este perceber se encontra afetado pelo ressentimento, o que implica em uma negação dos valores através da inversão valorativa.

Palavras-chave: Max Scheler. Fenomenologia. Perceber sentimental. Hierarquia dos valores. Ressentimento.

Abstract: The article is a short presentation of the main elements of Max Scheler's ethical system. Using the phenomenological method, Scheler states that ethics must be based on experience because value is not something lived as an attribution but experienced. The German phenomenologist still argues man is surrounded by a myriad of values that does not need to be produced but recognized through perception and sensitiveness and even allowing with a hierarchical organization of values. However, this realization is affected by a resentment which implies a denial of values through it.

Keyword: Max Scheler. Phenomenology. Sentimental perception. Values hierarchy. Resentment.

Introdução

Ao elaborar seu sistema, Max Scheler ocupou-se em construir um sistema ético próprio dos *valores materiais*. Diferentemente de Kant, que funda sua ética no cumprimento do dever, no respeito à lei, Scheler defende a objetividade dos valores, o que implica na busca pela origem do valor ético no objeto. “Scheler procura excluir de seu sistema – ou,

¹ Mestre em Filosofia/PUG-Roma; Doutor em Filosofia/Universidade Lateranense-Roma.

² Licenciado em Filosofia/ICESPI.

pelo menos, reduzir ao mínimo – a importância do dever e recuperar, em compensação, para a vida moral do homem a esfera emocional.” (WOJTYLA, 1993, p. 14).

O valor, no sistema ético de Scheler, é estudado na obra *Reviravolta dos valores*, sob dois aspectos, a saber: da fenomenologia e das emoções. O método fenomenológico enfatiza a experiência. O valor não quer dizer um juízo externo dando a determinado objeto ou pessoa um valor, ao invés disso, significa sua vivência no conjunto da vida dos homens.

É na vida emocional do homem que os valores se manifestam. O valor é teorizado pelas emoções partindo da consciência do ser, formando unidades fenomenais no homem, enquanto ele as vive, e coordenando as suas atitudes. O sentido objetivo do valor é formado pelo emocionalismo. A formação do *a priori* objetivo é permitido por essa experiência. Scheler considera o valor como manifestação objetiva porque não se trata de um atributo do objeto, em sentido físico, nem seria uma potência. É, unicamente, através das emoções que as experiências vividas constituem o significado do valor objetivo, o responsável por oferecer uma direção às aspirações da vida humana. (AQUINO, 2010, p.87-8).

Scheler, na elaboração de um sistema próprio dos valores materiais, contrapõe à ética Kantiana, por considerar que Kant desconhece a experiência fenomenológica que dá acesso ao *a priori material* constituído pelos valores (SCHELER, 1948, p. 43). Para melhor compreensão do seu pensamento, segue-se a apresentação dos elementos principais do seu sistema.

O método fenomenológico

Para Scheler, é na experiência que todo tipo de conhecimento científico e toda ciência se baseiam. Partindo desse pressuposto, pode-se afirmar que a ética também deve tomar como base a experiência. Porém, a ética é baseada em uma experiência divergente daquela na qual as ciências exatas estão fundadas. Isto se dá pela sua singularidade conforme se refere às chamadas ciências exatas, que, quando baseadas na experiência possibilitam o alcance de conclusões e afirmativas por meio da indução.

Na ética, a utilização do método empírico indutivo não é possível, deste modo, as proposições atingidas por meio da indução só permitem firmar o que em condições específicas se declarava ou se declara bom ou mau. “Trata-se na ética do que é bom ou mau, do próprio bem ou mal moral como tal. Nesse sentido não podemos obter indutivamente o bem e o mal a partir dos dados empíricos, razão pela qual – como afirma Scheler – devem dar-se *a priori*.” (WOJTYLA, 1993, p. 17).

Contrapondo-se ao pensamento kantiano, Scheler afirma que toda ética que parte da ideia do dever como sendo o fenômeno moral originário, e que pretende chegar apenas às ideias de bom e de mau a partir do dever, apresenta um caráter negativo, crítico e repressivo. (SCHELER, 1948, p. 216-217). Os valores são objeto de experiência, e pelo fato de manifestarem-se no conteúdo da vida emocional humana, esta experiência é chamada de experiência fenomenológica.

Os valores compõem os dados originários das experiências emotivas verificadas e determinadas por um meio experimental. Para demonstrá-lo, Scheler se utiliza da análise do ato humano. O ato é constituído de fases particulares que se diferenciam através da orientação para o valor objetivo e onde, experimentalmente, é possível encontrar o conteúdo onde o valor é dado como objeto. São elas: disposição, intenção, decisão e a própria atividade. (WOJTYLA, 1993, 17-8).

Cada pessoa realizaria a busca da concretização moral do todo que forma o reino das pessoas. A partir desse princípio da corresponsabilidade podendo ser chamado também de princípio da solidariedade, Scheler afasta a provável interpretação do individualismo que

poderia ser provocado da decisão moral do indivíduo e transmite com maior integridade o sentido e os valores finais de todo o universo que se mede pelo puro ser. E pela mais perfeita bondade que seja possível na rica plenitude, na mais pura beleza e na mais íntima harmonia das pessoas. (SCHELER, 1948, p.15).

Desta forma, tomando como objeto as fases do ato humano, o valor é encontrado nesta experiência. Scheler afirma que não se deve identificar esta experiência com a experiência interna, que dá forma ao método da psicologia experimental. Este método acaba por separar artificialmente o elemento de valor e o conteúdo das experiências emocionais humanas, por conseguinte, abstrai todo fato moral e fixa-se somente nos fatos psicológicos puros. Isto implica em um falseamento do quadro da vida interior do homem.

Ao examinar a experiência emocional unida ao conteúdo, que é o valor, a experiência fenomenológica evita o tropeço da psicologia experimental. O valor, por sua vez, constitui o elemento fundamental das experiências emocionais humanas. Assim, a experiência fenomenológica permite a captação do próprio valor imediato e intuitivamente, gerando um *a priori* objetivo. “É objetivo em relação ao conteúdo da intuição e *a priori* em relação ao caráter intuitivo da consciência.” (WOJTYLA, 1993, p. 18-19).

Scheler realiza uma ruptura enérgica com os princípios epistemológicos de Kant. O grande estímulo para esta realização foi o contato com a escola fenomenológica de Edmund Husserl. No entanto, Scheler e Husserl percorriam vias distintas nas investigações filosóficas; Scheler utilizava a fenomenologia no que era referente à filosofia prática e Husserl aos problemas teóricos.

Para Scheler, a fenomenologia é o método apropriado para a ética. Primeiro, é um método experimental, e é na experiência que toda ciência deve basear-se. Além disso, os valores são objeto de experiência, pois dão base à essência da experiência ética vivida. Dizer que determinado ato é eticamente bom ou mau é definir seu valor, formando assim o conteúdo da experiência emocional. Na realização do ato o valor é experimentado. (WOJTYLA, 1993, p. 19).

Não é um juiz externo que dá ao ato um valor, mas é o valor que está contido na experiência vivida. Pelo método fenomenológico é possível extrair o valor da experiência e objetivá-lo cientificamente. Somente o método fenomenológico é capaz de fazer isto, pois em contraste, os outros métodos experimentais se fixam na *coisa*, enquanto que o objeto da ética em geral é o *valor*, não a *coisa*.

Na experiência fenomenológica, Scheler compreende o homem como um ser histórico. O simples fato de *saber-se histórico*, vai para além do que é simplesmente histórico, “a pura sucessão do tempo: o homem é meta-histórico na história”. (NOTA, 1978, p. 573). O simples fato de o homem comprometer-se moralmente com os outros gera a união na relação social. Assim, cada um passa a ser corresponsável e, por conseguinte, integrado à historicidade.

Além disso, Aquino (2010, p.88) assegura que, através das observações do método fenomenológico, Scheler revela que o mundo dos valores se encontra entrelaçado com as emoções, o que merece destaque e aprofundamento, conforme se segue.

O perceber sentimental

Dentre as contraposições feitas por Scheler a Kant, destaca-se significativamente o emocionalismo ou esfera emocional do espírito. Scheler defende o primado do valor sobre o dever. Na ética kantiana falta o reconhecimento do “valor material”, a consciência de que existe um *cosmos* de valores que circunda o homem e que ele não deve produzir, mas apenas reconhecer e descobrir.

Para Reale e Antiseri (2005, p. 569), Scheler assume que o homem possui um instrumento inato, trata-se da *intuição sentimental*. Este instrumento capta aqueles valores

objetivos pelos quais as coisas são bens, além disso, capta e reconhece a existência de uma hierarquia entre esses valores. “Os valores não são objeto de atividade teórica, senão de *intuição emocional*. Scheler diz que pretender captar os valores com o intelecto equivaleria à pretensão de ver um sonho.” (REALE; ANTISERI, 2005, p.568, grifo do autor).

A teoria dos valores de Scheler está fundada no primado das emoções. “Essa expressão não revela apenas estados afetivos, porém sentimentos puros intencionais”. Intencionais pelo fato de o objeto de estudo que a percepção desses sentimentos acena serem os valores. Scheler assegura que este conceito se liga ao conhecimento. Porém, este conhecimento não é intelectual, mas emocional. “O homem somente conhece e constrói o (s) valor (es) por suas percepções afetivas. Desse modo, os atos afetivos correlacionam-se com o valor objetivo”. (AQUINO, 2010, p. 89).

Para Scheler, somente a percepção afetiva sentimental pode dar acesso aos valores imediata e intuitivamente. O valor, todo o mundo dos valores, é, especificamente, o objeto das experiências emocionais pelo fato de que os estados afetivos se dão na forma de sentimentos puros de evidente caráter intencional, não apenas na forma de estados afetivos. A percepção é intencional porque está evidentemente referida a seu próprio objeto.

Segundo Volkmer (2006, p. 53), pelo fato de ser um ato intencional do espírito, é característico do perceber sentimental possuir um objeto, matéria de intuição preenchidora. Este ato tem uma função cognitiva pelo fato de ter um objeto já percebido como objeto. Existem diferentes modos de relacionamento do espírito com os vários níveis da vida, porém o acesso à diversidade de conteúdos cognitivos dos vários atos do espírito só é garantido porque todos os atos, emocionais, teóricos e práticos tem sua gênese no espírito como pura objetividade, abertos ao ser que se apresenta da forma como é.

O desenvolvimento diverso nos diferentes níveis ou funções emocionais tem íntima ligação com a intuição de uma hierarquia material dos valores, “a base da ética scheleriana que fundamenta racionalmente a possibilidade de um conhecimento do valor moral dos atos humanos, pois os estratos de sentir têm como objeto as diversas modalidades materiais de valor”. (VOLKMER, 2006, p. 53).

O perceber emocional não consiste em estados emocionais. O perceber consiste em um ato intencional próprio do espírito, que conta com uma objetividade e uma matéria intuitiva. Enquanto os estados são contingentes, empíricos e podem ser observados, o perceber enquanto puro ato de intuição é evidente, necessário e não pode ser observado por si mesmo. (VOLKMER, 2006, p. 54-5).

Existem, sobretudo, três tipos de sentir emocional como ato do espírito, a saber:

- 1) o sentir dos próprios ‘sentimentos’ ou ‘estados interiores’, como alegria, tristeza, etc; 2) o sentir de conteúdos emocionais exteriores, como a desolação de uma paisagem, a tranquilidade de um rio; 3) o sentir de valores, intuídos neste ato de sentir como conteúdos materiais, como objetos de um puro sentir antes que objetos de teorização. (VOLKMER, 2006, p. 53).

O valor é imediatamente evidente, não para a razão teórica, mas para o ato do puro perceber do espírito, que percebe este sentir.

Existem pelo menos três modalidades básicas de atos emocionais, no entanto, há uma variedade de atos. Por exemplo, gozar, sofrer, amar, odiar, preferir, entre outros, são atos emocionais do espírito. Distinguindo-se da concepção de Kant, pode-se citar também o querer, que era compreendido por Kant como relativo à esfera contingente da vida, devendo se submeter à aplicação do *a priori* da razão, mantendo desta forma a razão prática

orientada pelo *a priori* formal. Scheler, por sua vez, defende que o querer prático deve estar fundado no ato de intuição emocional.

O querer tem uma matéria emocionalmente definida que não pode ser contestada e deduzida de uma lei da razão prática; o querer não pode ser apenas associado a um conteúdo contingente. Na vida, saber de forma clara o que se quer é fundamental, no entanto, nem sempre é possível saber o motivo do querer. É possível encontrar nitidamente um valor como objeto do querer, porém não é possível defini-lo. Como objeto da intuição emocional é claro para o espírito, mas não como objeto conceitual. (VOLKMER, 2006, p. 54-5).

O valor é intuído evidentemente para o espírito como objeto de amor ou de ódio, sem possibilidade de definição da causa disto; com o valor ou desvalor também é intuído seu portador, um objeto sem conceito. Por se tratar de algo que está no campo emocional é considerado apenas como algo valioso. Este fenômeno se dá da seguinte forma:

Somente após encontrar valor em um algo valioso, um portador ou depositário do valor, é que a razão se dirige a este algo que pode ser objetivado, por vezes esquecendo até o valor que sobre ele repousa. Este algo valioso, então, se torna objeto intencional da razão, seja de uma representação, de um juízo, etc., para a razão teórica, ou de um querer, escolher, ou fazer da razão prática, como quando vemos um ato valioso e sentimos a inclinação para realizá-lo também. (VOLKMER, 2006, p. 55).

Scheler afirma que, fenomenologicamente, é possível considerar duas dimensões do querer, a saber: primeiro, um querer emocional, o querer puro, *a priori*, que se funda em matérias e que não contém em si, obrigatoriamente, a determinação de realizar-se. Este querer não é determinado por uma lei formal da razão, mas pelo querer da razão prática.

Segundo, um querer prático, este é determinado formalmente como dever de modo *a posteriori* pela razão prática, porém, este querer é matéria original do querer puro. O querer prático ou de realização se torna matéria de um querer puro que é sempre livre e indeterminado pela razão. Este querer deixa-se determinar somente pelo seu objeto no momento mesmo de intuição. Isto implica dizer que se é livre para querer, como no exemplo que segue:

Quantas vezes dizemos: agora estou com fome e cansado de caminhar; há vários restaurantes por aqui, mas não quero parar agora, vou continuar. Nada, nenhuma ideia, nem mesmo o impulso mais primitivo da natureza bruta, determina necessariamente o que quero. Mas quando encontro o que quero, meu querer se deixa determinar. (VOLKMER, 2006, p. 55-6).

Segundo Volkmer (2006, p. 56), o querer não pode ser determinado por uma lei racional, dado que esta é inexistente. Porém, caso existisse, consistiria em uma lei das possíveis matérias do querer. Mas a matéria, da mesma forma, não pode ser determinada como lei, dada a impossibilidade de conhecimento de todas as possibilidades de matéria de querer; pode - se querer algo inexistente, assim como um bem até então não criado. “Em resumo, o querer somente se determina no encontro de seu objeto. Este é o *a priori* puro: o momento de adequação no encontro do espírito com o objeto dado por si mesmo.” (VOLKMER, 2006, p. 56, grifo do autor).

Neste sentido, tudo aquilo que pode ser conhecido como unidades identificadas e conceituadas pela razão são constituídos apenas como objetos racionais, conceituados,

depois de serem reconhecidos enquanto portadores de valor para um ato emocional. Os bens, fins, meios, coisas reais ou ideais, atos concretos, atitudes, e inclusive o puro dever ser, só podem ser constituídos como objetos racionais depois do reconhecimento da existência do valor. Isto também vale para um dever.

“Algo é bom não porque é um dever, mas sim é um dever porque é bom. O bom é a causa de todo cognoscível. Somente depois de ver passar diante de si todo ser que era bom, o homem a todos deu nome. Este é o sentido do *a priori* da intuição ou do perceber emocional do valor.” (VOLKMER, 2006, p. 56, grifo do autor).

A hierarquia dos valores

Para Scheler, existe uma multiplicidade de valores. Os valores múltiplos são modos de valores, da mesma forma que as coisas são modos de ser. Nesta multiplicidade, os valores têm *hierarquia*, o que se trata de uma categoria ontológica do valor. O fundamento desta hierarquia está na não-indiferença dos valores nas suas relações múltiplas.

Para melhor compreensão desta categoria faz-se necessário uma classificação dos valores, o que se trata de um problema difícil que pode levar muito longe. Este é um problema que foi estudado por quase todos os filósofos contemporâneos que se dedicaram ao estudo do valor, porém, segundo Morente (1970, p. 300), dentre todas as classificações realizadas, a mais aceitável é a de Scheler, apresentada no livro *O formalismo na ética e a ética material dos valores*. Conforme esta classificação, os valores poderiam ser organizados em grupos ou classes, a saber:

primeiro, valores [sic] úteis; por exemplo, adequado, inadequado, conveniente, inconveniente. Depois, valores [sic] vitais; como, por exemplo, forte, fraco. Valores [sic] lógicos, como verdade, falsidade. Valores [sic] estéticos, como belo, feio, sublime, ridículos. Valores [sic] éticos, como justo, injusto, misericordioso, desapiedado. E, por último, valores religiosos, como santo, profano. (MORENTE, 1970, p. 300).

Diante deste fato, que consiste na existência destas classes ou grupo, Morente (1970, p. 300) apresenta duas questões: primeiro, que quer dizer esta hierarquia? À própria pergunta ele apresenta a seguinte resposta:

Quer dizer que os valores [sic] religiosos afirmam-se superiores aos valores [sic] éticos; que os valores [sic] éticos, afirmam-se superiores aos valores [sic] estéticos; que os valores [sic] estéticos afirmam-se superiores aos lógicos, e que estes por sua vez se afirmam superiores aos vitais, e estes por sua vez superiores aos úteis. (MORENTE, 1970, p. 300).

A segunda questão consiste em saber o que este afirmar-se superior quer dizer. Pode-se responder da seguinte forma: se esquematicamente um ponto zero fosse assinalado para indicar o ponto de indiferença, segundo sua polaridade, os valores se agrupariam à direita ou à esquerda deste, organizando-se em valores positivos ou negativos e a maior ou menor distância do zero.

Os valores úteis, por exemplo, se afastarão pouco do ponto de indiferença. Diante da necessidade de sacrificar um valor útil ou vital, o valor mais próximo do ponto de

indiferença será certamente sacrificado, neste caso, o valor útil seria sacrificado. O valor vital por encontrar-se mais distante do ponto de indiferença será poupado. Seguindo esta mesma lógica pode-se dizer que, os valores vitais são menos importantes que os valores intelectuais, isto porque, enquanto os valores intelectuais estão mais afastados do ponto de indiferença, os valores vitais permanecem mais próximos do ponto de indiferença, e assim sucessivamente.

Para explicar o que quer dizer esta hierarquia dos valores pode-se utilizar um exemplo de ordem mais prática. Se em determinada situação houvesse a necessidade de fazer a opção entre salvar a vida de uma criança, que é uma pessoa e que possui valores morais supremos, ou deixar que um quadro fosse queimado, certamente, se preferirá deixar o quadro ser queimado. Noutra situação, uma pessoa desprovida de intuição dos valores estéticos poderá preferir salvar um livro de uma biblioteca, ao invés de salvar um quadro. Isto para constar o que a hierarquia dos valores quer dizer. (MORENTE, 1970, p. 300-1).

Scheler coloca os valores religiosos no ápice da hierarquia dos valores. Isto implica dizer que tem a hierarquia superior todos aqueles que não são cegos aos valores religiosos, cegueira esta que pode acontecer.

Dado que na estrutura hierárquica existem valores mais altos, outros mais baixos, Scheler apresentou pelo menos cinco critérios para determinar a altura dos valores, a saber: primeiro, os valores são tanto mais altos quanto maior for a sua duração. O valor duradouro, certamente, é aquele capaz de se prolongar no tempo. Esta faculdade torna-o mais valioso que aqueles que não duram tanto tempo.

O segundo critério diz que os valores são tanto mais altos quanto menos *divisíveis* forem. Os alimentos, por exemplo, que são bens materiais, para ter a participação de várias pessoas tem que passar pela divisão. Enquanto isso, uma obra de arte, que é um valor estético pode ser apreciada por muitas pessoas, mas para tanto não há necessidade de divisão, o que o torna um valor mais alto que os alimentos, por exemplo.

O valor que serve de *fundamento* a outros é mais alto que os que se fundam nele. Este é o terceiro critério apresentando por Scheler. O conjunto de todos os valores fundase no *Espírito infinito e pessoal* e no *mundo dos valores* que se estende diante dele. Os atos pelos quais os valores são apreendidos são os que apreendem os valores como absolutamente objetivos, na proporção em que se tornam ato dentro desse Espírito. E mais, só são absolutos na proporção em que se revelam dentro desse reino.

O quarto critério consiste em dizer que os valores são tanto mais alto quanto mais profunda é a satisfação que a sua realização produz em nós. Neste caso, quando a presença de determinado valor for sentida independentemente do sentir e da satisfação de outros valores, mais profunda será a sua satisfação. (HESSEN, 1980, p. 121-2).

O último critério prega que para achar a altura dos valores é necessário avaliar *grau da sua relatividade*. “O valor do agradável é relativo só aos seres dotados de sensibilidade sensorial, como os valores vitais só são relativos aos seres vivos. Para um ser sem esta sensibilidade não existem os valores do agradável; para um ser sem vida não há valores vitais.” (HESSEN, 1980, p. 123). Isto para dizer que existe um modo de sentir especial, onde nem tudo pode ser diretamente sentido.

Sabe-se, porém, que nem sempre os valores ocupam na hierarquia o lugar que lhes são próprios. É possível falar de uma inversão na hierarquia dos valores movida pela moral daqueles que são atingidos pelo ressentimento. O ressentimento “traz em si o fato da qualidade da emoção ser um negativo, o que significa dizer um movimento da hostilidade”. (SCHELER, 2012, p. 45).

O ressentimento

O homem do ressentimento, para Scheler (2012, p. 153-4), é um fracote incapaz de continuar sozinho com seu juízo. Trata-se de um tipo humano definitivamente contrário àquele que é capaz de realizar o bem objetivo. Mesmo diante de um mundo de obstáculos, estando *sozinho*, este é capaz de realizá-lo.

Scheler (2012, p.45) afirma encontrar na natural significação da palavra francesa *ressentimento* dois elementos. Primeiro, o estabelecimento de uma repetição de uma determinada reação emocional contra um outro que se dá por meio e a partir do viver. “Geralmente, são sentimentos de profunda mágoa ou ofensa. Por meio dessas reações, vive-se o ‘sempre-de-novo-atraves’ da emoção chamada ressentimento. É diferente de uma recordação intelectual, na qual vai perdendo o matiz com o transcorrer do tempo.” (AQUINO, 2010, p.88).

O segundo elemento diz respeito ao dado desta emoção ser um negativo, de ordem hostil. Para Scheler (2012, p.45), o ressentimento é um revivenciar da emoção mesma – um sentir após, em sentir de novo. Scheler confirma este pensamento afirmando que:

Talvez seja a palavra alemã *Groll* a que mais prontamente esconderia a existência de uma parte fundamental de sua significação. *Grollen* é o escuro na alma do viandante, é a zanga retida e independente da atividade do eu, zanga esta que, a partir de um repetido perpassar de intenções de ódio ou de outras emoções hostis, acaba por se formar, sem ainda abarcar nenhuma precisa intenção hostil, aproximando, porém de seu sangue todas as intenções possíveis de tal tipo. (SCHELER, 2012, p.45, grifo do autor).

Segundo Aquino (2010, p.89-90), parece correto afirmar que o ressentimento é uma introjeção psíquica contínua provocada por movimentos internos negativos que acabam por afetar o ser humano, um possível exemplo é a vingança. Enquanto forma de vivência, a vingança significa um viver impotente. A pessoa que vive continuamente o sentimento de vingança poderá provocar um movimento interno de definhamento ou até mesmo sua morte. “Essa tensão entre a vingança e a consciência de concretizar ou não uma reação contrária imediata – impotência – materializa a forma do ressentimento”.

Para Scheler, o ressentimento consiste na negação dos valores através da inversão dos valores. Desta forma, o ressentimento é o contrário da moral, é antimoral, a negação ou inversão dos valores. Isto não implica dizer que se alguém se opõe aos valores esteja realmente com ressentimento, até porque não se trata apenas de um ato de oposição, mas, realmente de inversão, onde um valor inferior é colocado por cima do superior; ou a direção do valor é invertida, sendo tomado como negativo, quando se é positivo. (GINETTI, 2010, p.22-3).

A inversão valorativa provocou severas mudanças para a organização da sociedade. O movimento que existe entre aspiração e não-poder impossibilita o homem de enxergar quais são os juízos de valores positivos. Por conseguinte, o homem ressentido cria uma imagem falsificada do mundo. O “desvio de olhar dos valores vitais, a tendência para se querer aniquilar as coisas e o próprio Ser humano, bem como a entrega da alma para valores ilusórios manifesta-se como a salvação e não como a compreensão de beleza ou de vida.” (AQUINO, 2010, p.90).

O ressentimento é um dos pontos da filosofia de Scheler que o aproxima e o diferencia de Nietzsche, simultaneamente. A propósito, Scheler discute a problemática com *A genealogia do moral* de Nietzsche em um texto do volume *Da inversão dos valores*. Para Scheler, o burguês, “representante típico do homem moderno e encarnação do espírito do capitalismo”, está predisposto ao ressentimento em decorrência de um complexo de inferioridade diante da nobreza tradicional e a tendência de sempre se comparar com os outros no âmbito valorativo.

Scheler realiza a distinção de dois tipos de burguês: o primeiro, ambicioso e arrivista, não tem interesse exatamente no valor intrínseco dos bens, mas na sensação de superioridade derivado de sua posse. O segundo, o fraco, produz o homem do ressentimento, mais diretamente afetado, razão das ilusões que o motivam a negar ou ignorar as qualidades das pessoas com as quais se compara. No pensamento scheleriano, o burguês não é definido como o representante de uma classe social. Ao invés disto, é definido como a encarnação e a expressão de determinada atitude diante da vida e do mundo, isto é, de determinado *ethos*. (COSTA, 1996, p.64-6).

Neste contexto, Scheler trata do *ethos* a partir da disposição dos valores inseridos no conteúdo na dimensão emocional da pessoa. Isto não diz respeito somente à experiência de sujeitos pessoais individuais, mas também dos grupos dos sujeitos, de ambientes específicos e sociedades históricas. (WOJTYLA, 1993, p. 29).

O ressentimento é um envenenamento pessoal da alma que desperta uma série de introjeções contínuas sob a forma de ilusões de valor que resultam na impossibilidade de separar a tendência do próprio prazer e do prazer alheio. O ressentimento nega aquilo que é valor, coloca o valor inferior por cima do superior e toma o negativo como positivo. (SCHELER, 2012, p. 43-45). Diante da compreensão scheleriana, é importante valer-se do fato de que o homem faz a sua história e que esta precisa ser marcada pelo esforço da descoberta e conservação dos valores mais altos, diferentemente do homem ressentido.

Considerações finais

Scheler realiza um grande trabalho na tentativa de *recuperar* a importância da esfera emocional do homem, que em Kant é substituída pelo dever. A esfera emocional ou intuição sentimental é um instrumento que capta os valores e reconhece a existência de sua hierarquia.

Não basta reconhecer a existência dos valores. É importante perceber de que modo eles são inseridos na vida humana e mais, que posições eles ocupam em uma escala valorativa. A proposta de Scheler, de classificá-los, organizando os valores segundo critérios próprios, distinguindo-os entre mais altos ou mais baixos, tem relevância pelo fato de proporcionar uma tomada de consciência sobre a qualidade dos valores que estão sendo aderidos.

Apesar de o pensamento de Scheler tratar do homem moderno no contexto que esteve inserido, entre os séculos XIX e XX, seu pensamento reflete de alguma forma a vida do homem atual, que é caracterizado pela fragmentação pessoal, pela inconstância, pelo desequilíbrio nas relações humanas, pelo vazio interior, pelo relativismo e subjetivismo ético, pela inversão valorativa. É possível assistir a um declínio do valor da vida humana, que está sendo tratada como um meio, prevalecendo o domínio dos fortes sobre os fracos.

Os valores que eram tradicionalmente prezados estão sendo trocados por outros desprovidos de durabilidade. É como se o homem novo trouxesse consigo uma nova constelação de valores, porém assumindo as mais baixas posições hierárquicas. Por isso, vê-se a necessidade de instigar o homem a uma reflexão sobre a sua posição frente ao mundo valorativo. Pois, sem dúvida, o seu agir ético influencia sua relação com a própria vida, com a vida do outro e com o mundo em sua totalidade. Se a perspectiva scheleriana não for a mais acertada, é, ao menos, uma reflexão relevante.

Referências

AQUINO, Sérgio Ricardo Fernandes. Valor e direito: as contribuições de Max Scheler e Miguel Reale. **Revista Filosofia Capital**, Florianópolis (SC), v. 5, p. 84-104, 2010.
Disponível em:

<<http://www.filosofiacapital.org/ojs2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/viewFile/106/112>>. Acesso em: 24 jan 2017.

COSTA, José Silveira da Costa. **Max Scheler: o personalismo ético**. São Paulo: Moderna, 1996.

GINETTI, Emerson. **A crise dos valores éticos segundo Max Scheler**. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

HESSER, Johannes. **Filosofia dos valores**. Tradução por Cabral Moncada. Coimbra: Armênio. Amado Editor. (Studium), 1980.

MORENTE, Manuel García. **Fundamentos de Filosofia: Lições Preliminares**. Tradução de Guillermo de la Cruz Coronado. 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

NOTA, John. Max Scheler's Philosophy of History. In: **Acts of XVI International Congress of Philosophy IV**, 4., 1978, *Anais...* Düsseldorf, 1978. p. 572-580.

PECORARI, Francesco. O personalismo ético e solidário de Max Scheler e o pluralismo contemporâneo. **Revista Perspectiva filosófica**, Recife (PE), v. 4, n. 17, p. 107-125, 2002. Disponível em: <https://www.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/pf17_artigo60001.pdf>. Acesso em: 24 jan 2017.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. **História da Filosofia**. Vol. III. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2005 (Filosofia).

SCHELER, Max. **Da reviravolta dos valores**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Ética, nuevo ensayo de fundamentación de un personalismo ético**. Tradução por Hilario Rodríguez Sanz. Buenos Aires: Revista de Occidente, 1948.

VOLKMER, Sérgio. **O perceber do valor na ética material de Max Scheler**. 2006. 127f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

WOJTYLA, Karol. **Max Scheler e a ética cristã**. Tradução por Diva Toledo Pisa. Curitiba: Champagnat, 1993.